

**DE “ILUSTRE” A “SACERDOTE DO DIABO”: a reação da imprensa sergipana diante da presença do padre Alípio de Freitas em Sergipe (1963-1964)**

**RAILTON SOUZA SANTOS**

Mestre em História pela Universidade Federal de Sergipe, professor da Educação Básica de Sergipe.

Email: rai.dyda@hotmail.com

A imprensa age no campo político-ideológico, de modo que todo jornal escolhe os acontecimentos e hierarquiza as informações, as notícias e opiniões que estarão em suas páginas, segundo seus critérios. Logo, é preciso considerar o agir da imprensa como prática constituinte da realidade social, o que implica articular sua análise ao campo de lutas em torno de projetos políticos. Reconhecendo a importância dos periódicos para o enriquecimento historiográfico, a presente comunicação tem por objetivo analisar como a presença do padre Alípio de Freitas (1929-2017), que esteve em Sergipe pregando a favor das reformas de bases e da mobilização dos trabalhadores repercutiu em órgãos da imprensa sergipana, às vésperas do golpe civil-militar. Português de nascimento e radicado no Brasil, o padre Alípio de Freitas era um revolucionário, jornalista, promotor e incentivador de diversos movimentos sociais e associações cívicas, com destacada atuação no Nordeste brasileiro. Sua passagem foi registrada pelos jornais *Fôlha Popular*, *Fôlha Trabalhista* e *Fôlha de Lagarto*, *A defesa e Gazeta de Sergipe* e *A Cruzada*.

É cabível afirmar que o período do governo de João Goulart (1961-1964) se caracterizou pela intensa atividade política, desenvolvida por setores conservadores em oposição às suas plataformas reformistas. Em meio ao grupo opositor, encontravam-se políticos e entidades conservadoras da sociedade civil brasileira, militares, religiosos, empresários, que desenvolveram todo um conjunto de atividades tendo em vista desestabilizar as bases de sustentação governamental.

Lançando mão do olhar retrospectivo, nota-se que os agentes políticos, os sujeitos históricos atuaram num mundo dividido pela Guerra Fria e que não se colocou em

questão que o “povo” não estava devidamente politizado e consciente de que era preciso modificar, o que mudar e para que mudar. Nem mesmo tiveram o entendimento de que as transformações da sociedade brasileira não tinham sido ainda compreendidas pelas suas intuições políticas. O país deixara de ser um país essencialmente agrícola e a industrialização gerou uma classe trabalhadora ativa, porém não totalmente politizada. O Brasil naquele momento se via urbano às voltas com o êxodo rural e com os problemas sociais oriundos da falta de saneamento e de moradia, desemprego e violência nas grandes cidades. Obviamente, o radicalismo dominava os espíritos. Todos queriam ver grandes mudanças, entretanto, além das circunstâncias internacionais desfavoráveis, as elites dirigentes não estavam dispostas a aceitar as transformações sociais.

Outro elemento fundamental para compreender o recorte temporal 1961- 1964 é o comunismo. O comunismo era o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) esse empenho de organização e união do movimento sindical, que as classes dominantes queriam barrar. Era a reforma agrária e a sindicalização rural. Era a lei que limitava as remessas de lucros. O comunismo se fazia presente em tudo o que contrariava os interesses do imperialismo norte-americano, do empresariado e dos latifundiários. Enfim, o comunismo era a própria democracia que, com a figura de Goulart na Presidência da República, criava um cenário propício à ação política dos trabalhadores.

Levando em consideração essa conjuntura, o presente artigo tenta mostrar que esses representantes da imprensa sergipana, *Popular*, *Fôlha Trabalhista*, *Folha de Lagarto*, *A Cruzada e Gazeta de Sergipe (Folha Socialista)* constituem-se em uma rica fonte de pesquisa, através da qual é possível perceber a passagem de Alípio de Freitas por Sergipe, num contexto de intensa polarização política.

Em abril de 1963, o periódico produzido na cidade de Estância, *Fôlha Trabalhista*, representante do PTB em Sergipe, aborda o tema da Reforma Agrária, que na visão do periódico, era fundamental para o país:

Está de parabéns o Sr. Presidente da República, com o ante-projeto de Reforma Agrária enviado ao Congresso Nacional, para votação. Este assunto que há alguns anos era classificado de slogan comunista, tema comunitizante ou tabu comunista, ganhou as mais esclarecidas camadas do nosso povo,

sendo hoje reclamado até por industriais e proprietários de grandes áreas de terras, como o próprio Presidente, o Deputado Leonel Brizola e outros. (*Fôlha Trabalhista*, 21 de abril de 1963, p. 03).

Parabenizando o presidente pelo envio do “ante-projeto” de Reforma Agrária ao Congresso, o articulista comenta acerca de como o tema era pensado, ou seja, no mínimo um assunto polêmico atribuído à proposta comunista, um tema proibido, um verdadeiro “tabu”. Porém, segundo a mesma matéria, o tema havia sido popularizado de modo que até mesmo alguns grandes industriais e latifundiários simpatizavam com a ideia.

Mas o que havia levado a essa mudança com relação à aceitação da reforma agrária? Segundo o jornal, não fora por “milagre”, tampouco por “compaixão”,

mas forçado pelo empobrecimento progressivo do nosso povo, hoje sem mais nenhum poder aquisitivo. Refletindo-se há muito no comércio interno e sem possibilidade as indústrias de competir com os trustes internacionais, se aproximam a cada crise, que, inclusive, já tem arrastado à falência muitas delas. (*Fôlha Trabalhista*, 21 de abril de 1963, p. 03).

Porém, nem todos estavam de acordo, como por exemplo, os “proprietários menos esclarecidos”, os “senhores de engenho” que por conta dos debates em torno dessa reforma e,

ainda não crendo que essa reforma seja feita, continuam comprando e vendendo terras, aumentando ainda mais as áreas improdutivas e, ao invés de adquirirem máquinas, adubos e sementes selecionadas, fazendo, deste modo, a produção se tornar maior e mais barata, dão-se ao luxo de aumentarem o patrimônio em terras, embora se conservem improdutivas, em prejuízo, já se vê, dos pequenos produtores. (*Fôlha Trabalhista*, 21 de abril de 1963, p. 03).

Embora concorde com a proposta ora discutida, o articulista argumenta que a reforma agrária teria que ser radical para acabar com as terras improdutivas:

Como se vê, tudo isso é apenas o início. A reforma terá que ser radical como foi a abolição da escravatura. O Estado, nenhuma culpa teve na ganância dos compradores de seres humanos, como não tem no interesse da compra de terras pelos latifundiários. O lucro dessas propriedades pela valorização e o mal que tem causado ao povo, já é uma gorda indenização. Eles é que

deveriam pagar uma indenização, pela detenção da terra durante tanto tempo, improdutivamente. (*Fôlha Trabalhista*, 21 de abril de 1963, p. 03).

Nessa perspectiva, diferentemente de outros momentos em que trazia um discurso mais moderado acerca do assunto, o periódico sugere que a reforma deveria ser radical, o que o leva a inverter a ordem da proposta até então apresentada, no sentido de que a indenização acordada para os latifundiários na verdade deveria ser paga por eles ao Estado, porque essas terras em termos especulação já vinham gerando grande lucro, além de ter causado grandes malefícios ao povo.

É nesse intuito de fomento à politização, de despertar para temas brasileiros em debate à época, que em meados de agosto de 1963, entusiasticamente o jornal anunciava a realização do “*Seminário de Estudos Brasileiros*”. Em tal evento, que era patrocinado pelo Prefeito Pascoal Nabuco, esperava-se contar com a participação em massa dos estudantes e dos trabalhadores, sobretudo porque os ministrantes das palestras eram figuras importantes, no sentido de serem conhecidas por seus posicionamentos. Assim, o referido seminário contaria com a presença do Governador Seixas Dória, que falaria sobre "Nacionalismo Brasileiro". Além do chefe do executivo estadual, os estancianos desfrutariam da presença do Arcebispo Metropolitano, D. Vicente Távora, o qual apresentaria o tema, "A Reforma Agrária no Brasil". Também estava na lista de convidados o industrial e jornalista Orlando Dantas, e este ministraria o tema "A Política dos Trustes". Já o tema "As Reformas de Base" seria tratada pelo prefeito de Propriá, Dr. Geraldo Maia. Havia ainda toda uma expectativa em torno da eventual presença do "ilustre" governador de Pernambuco, Dr. Miguel Arraes, que abordaria o tema "Revolução no Brasil" - mas esse fato não aconteceu.

O periódico enfatizava também a importância de todos assistirem as palestras as quais seriam realizadas aos domingos (o que possibilitava o comparecimento em massa), havendo ainda às quartas-feiras, uma reunião para quem quisesse debater mais sobre o assunto do domingo anterior. Portanto,

é bom que muitos o assistam, vejam que se está pretendendo confundir, entre nós, nacionalismo com comunismo com, o que não deixa de ser um contrassenso. O comunismo, por essência é internacionalista; o nacionalismo, como o seu próprio nome indica, é nacional. Ninguém desconhece que no

movimento nacionalista existam alguns comunistas infiltrados. Isso, no entanto, não pode descaracterizar o nacionalismo para transformá-lo em comunismo. O nacionalismo quer a promoção da pátria, a promoção de todas as pátrias de todos os povos, cada um de per si. O comunismo, para vencer, dominar as nações e se impor sobre elas, quer o seu aniquilamento, pois sobre este é que tem conseguido suas vitórias. O nacionalismo quer justamente evitar isso, que cheguemos a essa situação. (Fôlha Trabalhista, 25 de agosto de 1963, p. 02).

Diz que, embora fosse imprescindível, a moral não era a causa dos problemas do Brasil. A causa era mesmo da miséria que estaria na estrutura. Assim argumentava o editorial fazendo questão de ressaltar que esses aguamentos nada tinham a ver com o comunismo:

Não somos pobres porque Deus queira que sejamos pobres e queira que outros sejam ricos. Uns são ricos porque exploram o trabalho dos outros, de quem realmente trabalha, constrói a riqueza, porque deixam de pagar ao trabalhador o valor que realmente corresponde ao trabalho que produziu a riqueza, que diariamente, vai se acumulando nas mãos de um só ou de um pequeno grupo. (Fôlha Trabalhista, 25 de agosto de 1963, p. 02).

O jornal apresenta as distinções entre nacionalismo e comunismo, assumindo concepções, posicionamentos, teorias sobre a problemática social da pobreza. Evidentemente, o articulista defende – de forma velada - as perspectivas teóricas do marxismo, uma vez que para esta corrente, a pobreza jamais pode ser analisada separadamente da riqueza, na medida em se trata de uma unidade contraditória de opostos. Ou seja, na ótica marxista, a concentração de riqueza é uma categoria fundamental na análise da pobreza.

O citado Seminário, para os seus idealizadores – a prefeitura, os estudantes e operários - tinha como objetivo “politizar e conscientizar” a nação brasileira na luta que se empreendia por todo o Brasil para conquistar “melhores dias” para esse povo que há muito vinha sendo “espoliado” e “escravizado”. É nessa conjuntura que aparece o personagem principal deste artigo, e é curiosa a maneira como o jornal de ideologia trabalhista apresenta o conferencista, Padre Alípio de Freitas, o “ilustre”, que abordaria o tema *Revolução e Contra-Revolução no Brasil*:

é português de nascimento e radicado no Brasil há vários anos, no Estado da Paraíba, onde lidera os campenses na sua luta promocional. Pelas suas pregações populares naquele Estado nordestino foi preso e recambiado para o Estado da Guanabara, onde permaneceu prisioneiro por mais de dois meses. Libertado [...] retonou ao Nordeste para dar continuidade às suas pregações por um Brasil melhor e mais justo. (*Fôlha Trabalhista*, 22 de setembro de 1963, p. 01).

É oportuno observar a reação provocada pela presença do referido padre em Sergipe. Um exemplo disso é a atitude do presidente da Associação Sergipana de Imprensa, Milton Filho, em uma nota publicada pelo jornal *Fôlha de Lagarto*, em outubro de 1963, em que coloca-se totalmente contra a presença do padre Alípio de Freitas em Sergipe. Na tentativa de desqualificá-lo, o apresenta com um ser extremamente subversivo, comunista perigoso. “Deixa de ser, assim, um real sacerdote de Igreja Católica e com as suas pregações subversivas, pode e dever ser taxado de Sacerdote do Diabo”.

Mas como pode ser taxado de Padre do Diabo? Qual o crime? Todas essas perguntas são respondidas pelo próprio Milton Filho, em nota. Isso mostra claramente sua intenção de associar a luta por direitos, por terra como algo de comunista, logo do diabo e, por conseguinte, digna de total repressão. Nessa época os jornais – pelo menos a *Fôlha Trabalhista* e a *Fôlha Popular* – falavam na importância e urgência de uma reforma agrária. Entretanto para Milton Filho afirma que a reforma agrária que o Alípio de Freitas pregava, desvirtuava inteiramente o “bom senso criador do povo Brasileiro”. Assim, o representante da imprensa sergipana descreve o Sacerdote:

De batina creme, cabeça calva, olho buliçosos e graduados ganhando maior presença por trás de duas lentes grossas e brancas, aquele homem, de fisionomia branda, agitava-se em cima de um palanque, armado na Esplanada da Estação Rodoviária em Aracaju, na noite do dia 20 do mês passado, inflamando uma multidão de aproximadamente 600 pessoas, e praticando aquilo que o nosso senso e a nossa tradição podem classificar de um verdadeiro crime. Mas quando se refere a propriedade rural, prega o padre Alípio de Freitas, num linguajar que tem o sabor vivo de sangue, a violência, a chacina e a posse indevida das propriedades rurais, no que ele chama de campanha pela igualdade entre os homens”. (*Fôlha de Lagarto*, 20 de outubro de 1963, p.02).

Segundo a nota, o que o padre chama como seu "linguajar" de "sangue", de igualdade entre os homens, na verdade seria "posse indevida das propriedades rurais". E continua a nota sempre no intuito de demonstrar a tese de que se tratava de um "sacerdote do diabo", destacando que em sua biografia nada tinha de honroso, visto que na condição de sacerdote da Igreja Católica Romana, havia sido processado por diversas vezes, como agitador de massas. Tanto que, segundo o articulista, o padre já chegara gerando preocupação, pois inflamava uma multidão.

Também é na cidade de Lagarto, cidade com tradição latifundiária, que ocorre, em março de 1964, um encontro de latifundiários do Estado. Tal reunião é tratada pela *Fôlha Popular* em primeira página, na qual afirma-se categoricamente: “os tempos são outros: o regime de latifundiários envelheceu e ninguém poderá evitar sua morte”. Segundo o jornal, tratava-se de uma ação do conhecido “Partido do Boi”, tornando-se o ponto alto do encontro foi a “pregação reacionária” contra as conquistas já alcançadas pelos trabalhadores do campo e contra aqueles que estavam ajudando nessas conquistas. Conforme a matéria:

Falaram muito sobre intranquilidade, gritaram contra os comunistas, Dom José Vicente Távora, Ariosvaldo Figueiredo, Seixas Dória e Agonalto Pacheco. Um dos oradores conclamava aos demais para se unirem e expulsarem de Sergipe todos os comunistas. O arcebispo que foi por eles taxado comunista, também deverá ser expulso do Estado. (*Fôlha Popular*, 21 de março de 1964, p. 01).

Assim, os proprietários rurais, agitados com os discursos do governador e do presidente da República e com suas expressões de complacência com o movimento popular que questionava a propriedade e fazia da reforma agrária sua bandeira de luta, procuraram se organizar no intuito de barrar o avanço da reforma que traria o fim de seus privilégios. A partir disso, é possível pensar no quanto perturbador foi para esses proprietários rurais foi a presença do padre Alípio de Freitas entre os sergipanos.

Em 1962, após participar de um comício, organizado pelo PCB a favor das Reformas de Base no Rio de Janeiro, o padre Alípio é repreendido pela igreja Católica e resolve abandonar a vida religiosa. Ainda em 1962 participa do Congresso Mundial da Paz, em Moscou, e mergulha na luta política ingressando definitivamente nas Ligas

Camponesas. Neste mesmo ano é sequestrado pela polícia em Recife. Escapa. É preso novamente em 1963, em João Pessoa, acusado de articular incêndios nos canaviais de três estados. Responde ao processo em liberdade.

Nesse contexto aparece inclusive à tentativa de distinguir o comunismo das ideias progressistas propagadas por segmentos da Igreja Católica. Exemplo disso é o artigo intitulado "Igreja entrega bandeira ao comunismo", em que comenta o que foi dito pelo Deputado Padre Nobre, que durante uma sessão extraordinária da Câmara dos deputados afirmou que os políticos tinham medo de dizer a verdade ao povo, somente porque os "incultos, os malévolos ou o domínio da mentira" dizem que isso é ser comunista. Diante disso concordava o jornal com o referido deputado, pois para o mesmo,

se é privilégio dos comunistas, ir ao encontro das necessidades dos pobres, se é privilégio do comunismo socorrer os miseráveis, lutar contra os prepotentes e clamar com os as injustiças sociais, vale a pena ser comunista também [...]. Salientando que a maioria desconhece o comunismo (*Fôlha Trabalhista*, 15 de outubro de 1961, p. 03).

Portanto, afirmava o periódico que a Igreja, mesmo sob a acusação de ser comunista, deveria seguir, porque a realidade de desespero, de fome, analfabetismo exigia que se falasse a verdade sob pena de mentir à pátria. E ao invés de se ir às camadas inferiores buscar soluções, tinha-se medo de falar em reforma agrária, só porque os comunistas falaram primeiro nela. Assim, os governantes vinham sendo taxados de "medrosos" e acima de tudo "covardes". Ou seja, acomodados às suas posições esqueciam-se dos que estavam "com estômago vazio à espera de migalhas" do esforço que jamais caíam à espera da sinceridade.

A esquerda da época identificou em Leonel Brizola e em Alípio de Freitas, ícones do movimento. Eles, naquele momento, interpretavam suas ideias, crenças e projetos e, exatamente por essa razão foram reconhecidos como líderes. Portanto, se Alípio de Freitas era radical, tinha discursos revolucionários e defendia a ruptura institucional, era porque as esquerdas também eram radicais, pois pregavam a revolução



e o rompimento com as instituições, ou seja, ambos tinham a mesma linguagem e possuíam objetivos comuns. Essa era a esquerda brasileira em tempos de radicalização.

Adotamos a acepção sugerida por Norberto Bobbio (1995): “De esquerda seriam as forças e as lideranças políticas animadas e inspiradas pela perspectiva da igualdade.” É possível dizer também que essas forças e lideranças buscavam - via reforma ou revolução - a mudança que acabaria com as desigualdades. No limiar da década de 1960, o Brasil viveu um momento de grande ebulição política e cultural. Concordamos com a interpretação de Lucilia Delgado, na qual ressalta que o Golpe civil-militar surgiu como uma prevenção contra possíveis avanços do comunismo no Brasil, a partir do receio da Igreja Católica frente ao desenvolvimento dos movimentos sociais e grupos de esquerdas surgidos na década de 1950 e 1960. (DELGADO, 2004, p 210)

Com efeito, os adversários de Jango, o empresariado, a hierarquia da Igreja e jornais viam no presidente um sinônimo de comunismo. Assim, a partir desse momento, a história brasileira viveu um momento forte de anticomunismo. Em tempos de polarização política, o pequeno Estado de Sergipe recebeu não apenas a visita do padre Alípio de Freitas, como também as visitas de Leonel Brizola, em dezembro de 1962, e de Lincoln Gordon, em abril de 1963.

Alípio Cristiano de Freitas ou Padre Alípio nasceu em Bragança, em 1929, e se tornou padre da Igreja Católica em 1952. No ano de 1957 veio para o Nordeste do Brasil, onde passou a lecionar História Antiga e Medieval na Universidade de São Luís, sendo vigário de uma paróquia da periferia da capital maranhense. Atuou nas áreas mais miseráveis de São Luís. A miséria do lavrador nordestino sensibiliza sobremaneira Alípio de Freitas que se envolve profundamente na preparação dos líderes rurais e termina por fazer parte do Secretariado Nacional das Ligas Camponesas. No ano de 1958 participou da fundação da Associação dos Trabalhadores Agrícolas do Maranhão, juntando-se às Ligas Camponesas de Francisco Julião, no ano de 1960. Durante todo aquele período esteve envolvido nas lutas pela Reforma Agrária e, durante o governo de João Goulart, nas ações pelas Reformas de Base. Com o codinome de André, Alípio de Freitas participou na formação dos Grupos dos Onze.

A convite do CGT e da Frente de Mobilização Popular, Alípio de Freitas desembarca em Aracaju em 20 de setembro de 1963, já caracterizado pelas forças conservadoras e latifundiárias como “padre comunista” e defensor de invasão de terras, quando de sua visita ao Estado de Sergipe.

Pelo lado das forças “reacionárias”, conservadoras, como a própria Associação Sergipana de Imprensa, havia o interesse em comentar o clima de agitação do Estado de Sergipe, na tentativa de identificar e combater os principais suspeitos, as lideranças comunistas. Tanto que após o golpe civil-militar líderes políticos a exemplo de Cleto Maia e o irmão Geraldo que participaram do comício realizado com a presença do Padre Alípio de Freitas foram punidos sob a alegação de defender invasão de terras e de ter ligações “subversivas” com Leonel Brizola, Agonaldo Pacheco (líder do PC em Sergipe), Manoel Vicente, Coronel Dagoberto Rodrigues.

Com o título “Padre Alípio empolga o interior” o jornal *Gazeta de Sergipe*, a matéria mostra a boa receptividade recebida por Alípio de Freitas no interior do Estado, em cidades como Boquim, Propriá e Estância.

Os pronunciamentos de Padre Alípio de Freitas em Aracaju e em Boquim refletiram a convicção **o Ilustre** sacerdote na necessidade de que o povo, principalmente **as massas operárias e camponesas** se organizaram para que consigam os seus reais objetivos na luta pela emancipação econômica do Brasil. Padre Alípio de Freitas tem sido muito aplaudido pelo povo sergipano em todos os seus pronunciamentos. (*Gazeta de Sergipe*, 22 de setembro de 1963, p.02, grifos nossos).

Assim, o periódico, cujo diretor e proprietário era o industrial Orlando Dantas, expressa seu apoio as pregações “ilustre sacerdote”, pregações que segundo o jornal, eram estavam de acordo com a “necessidade de que o povo”.

Em sua edição do dia 2 de setembro de 1963, o semanário católico A defesa, publica, a pedido do Bispo Diocesano, Dom Vicente Távora, a seguinte explicação para ter sido fotografado ao lado de Padre Alípio:

Antes do comício do Pe. Alípio de Freitas S. Excia o recebeu em sua residência a acompanhado de grande comitiva. Recebeu com toda bondade, como convém a quem quer ser discípulo do Mestre. O que sabia

do referido sacerdote resultava do noticiário da imprensa e do rádio. Não lhe competia impedi-lo de falar. No entanto, lamenta que tão grandes injustiças tenham sido cometidas em praça pública, por que diz pregar a justiça social. Que todos interpretem a foto que, por certo, será muito divulgada, não como aprovação total às ideias do visitante, mas como um gesto de delicadeza para despertar o seu senso de justiça. Afirmou como já o fizera antes, que **não endossava** as suas ideias, mas gostava de ter oportunidade de vê-lo de perto para **lhe tomar o pulso e fazer sentir seus pontos de vista**. (*A defesa*, 02 de setembro de 1963, p. 01. Grifos nossos).

Na nota, o bispo diocesano, da cidade de Propriá, o padre redentorista, Dom José Brandão de Castro, ciente de que seu gesto geraria muitos comentários, procura elaborar um discurso para justificar o fato de ter sido fotografado ao lado daquele que chegara com a fama de agitador. O bispo, talvez com medo de ter seu nome associado ao de Alípio de Freitas, fez questão de afirmar que “não endossava as suas ideias” e que o “gesto de delicadeza” fosse visto também como uma tentativa sua de aconselhar o padre, mostrando-lhe seus pontos de vista, os quais certamente não eram tão polêmicos como os pregados por Alípio de Freitas. Nesse sentido, vale ressaltar que o Arcebispo de Sergipe, Dom José Vicente Távora, por suas ações, como a de alfabetização dos trabalhadores, era considerado comunista pelos “reacionários”, segundo os quais os comunistas vinham agindo livremente e se articulando provocando agitações, “greves ilegais”, passeatas tendo inclusive trazido ao Estado de Sergipe, o bem conhecido agitador Padre Alípio de Freitas, que em suas pregações defendia as reformas estruturais, ou seja, fazia “pregações subversivas” em diversas cidades.

E é justamente em torno das pregações de Alípio de Freitas que se ocupa o jornal católico *A Cruzada*. No editorial da edição de 28 de setembro de 1963 esse periódico se mostra favorável às questões de justiça social, e a defesa dos mais pobres, porém faz crítica à maneira através da qual Alípio pregava tal ideia:

O que queremos é fazer aqui um reparo, mas ainda, uma crítica honesta ao modo de agir e ao modo pelo qual expõe suas ideias o Padre Alípio de Freitas. Defendemos a presença do sacerdote no campo das lutas sociais. Ahamos mesmo que a sua missão não pode está desligada, em nenhum momento, da defesa dos humildes, dos pobres, dos espoliados e que toda forma de exploração precisa encontrar na palavra do padre, a condenação frontal fundada no evangelho de Cristo. (*A Cruzada*, 28 de setembro de 1963, p. 02).

Segundo o articulista, a oposição sofrida por Alípio de Freitas se devida ao fato de que “usando uma batina usando o nome e a qualidade de padre da igreja, ele não fez referência mensagem cristã não prega nem invoca - pelo que ouvimos dele - A doutrina social da igreja”. E ainda: “Talvez tenha sido por defender ideias extremadas e por esquecer de dar o sentido cristão nas ideias que prega. Em outras palavras, as polêmicas em torno do padre Alípio não provinha do fato dele pregar as reformas, “que elas são necessárias”, nem por “esposar ideias socialmente consideradas avançadas”.

Ficou evidente que a presença de Alípio de Freitas, figura associada ao comunismo pela própria ala conservadora da Igreja Católica provocou diversas manifestações de apoio por parte dos grupos políticos trabalhistas e comunistas, mas atraiu a preocupação das autoridades eclesiais, causou ira e o temor nos grupos ligados às forças direitistas e latifundiárias de Sergipe. Num cenário de intensa polarização político-ideológico, pessoas que falassem da importância e da urgência da reforma agrária, de exploração, imperialismo, ou de alguma forma trouxesse a bandeira da libertação econômica e social dos menos favorecidos, eram atrelados ao comunismo e, inevitavelmente, alvo do movimento anticomunista. Com a ditadura militar, Freitas ficou preso entre 1964 e 1981, perdeu suas nacionalidades (portuguesa e brasileira). Em 1981 passou a viver em Portugal. Conseguiu de volta sua cidadania portuguesa em 1985.

## REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política. Brasília: UnB, 2002.**

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil**. In: Simpósio Nacional de Professores Universitários de História. São Paulo: FFCH – USP, 1971.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARDOSO, Célia C.. **O Estado de São Paulo sob os Governos Militares** (1963-1983). 1. ed. São Cristóvão - SE: Editora UFS, vol. 1; 2014.

\_\_\_\_\_. **1964 em Sergipe: política e repressão**. In: Maria de Lourdes Mônico Janotti; José Miguel Arias Neto. (Org.). Democracia e Autoritarismo: estratégias e táticas políticas. 1ed. Vinhedo - SP: Horizonte, v. 1, 2015.

CONTIER, Arnaldo. **Imprensa e ideologia em São Paulo, 1822-1842**: matizes do vocabulário político e social. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

D'ARAUJO, M. C. **Raízes do golpe**: ascensão e queda do PTB. In: SOARES, G. A. D., D'ARAUJO, M. C. (Org.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **A ilusão trabalhista**: o PTB de 1945 a 1965. Rio de Janeiro, 1989. Tese (Doutorado) – Iuperj.

DANTAS, Ibarê. **A Tutela Militar em Sergipe, 1964/84**: partidos e eleições num estado Autoritário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1997.

\_\_\_\_\_. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DEBERT, Guita Grin. **A política do significado no início dos anos 60**: o nacionalismo no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e na Escola Superior de Guerra (ESG). Tese de Doutorado. FFLCH/USP, Departamento de Ciências Sociais, 1986.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo**: um projeto para o Brasil ( 1945 – 1964). In: FERREIRA, Jorge (Org.). O Populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Nacionalismo como projeto de nação**: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). Nacionalismo e reformismo Radical (1945 – 1964). As Esquerdas no Brasil. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MORAES, Denis. **A Esquerda e o golpe de 64**: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

FERREIRA, Pedro Roberto. **Imprensa política e ideologia** - Orientação socialista, São Paulo, Moraes, 1989.

FERREIRA, Jorge. **Leonel Brizola os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular**. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). Nacionalismo e reformismo Radical (1945 – 1964). As Esquerdas no Brasil. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. O Partido Comunista Brasileiro e o governo João Goulart. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 33, nº 66, 2013.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). **Nacionalismo e Reformismo Radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Rev. Bras. Hist.** vol.24, n.47, 2004.

FIGUEIREDO, A. C. **Democracia ou reformas?** Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo, Vértice/Iuperj, 1988.

\_\_\_\_\_. **Reflexões em torno de populismo e trabalhismo**. *Varia História*, Belo Horizonte, nº 28, dezembro 2002.

IANNI, Octavio. **O colapso do populismo no Brasil**. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, Ana Luiza, **Da Fantasia à História: folheando páginas revisteiras**. *História*. São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião do jornalismo brasileiro**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. 2001. **O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1983.

NEVES, Lucia Maria Bastos P. MOREL, Marco & FERREIRA, Tânia M. Bessonte da C. (org.) **História e Imprensa: representações culturais e praticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

ÁVILA, Manoel Pascoal Nabuco D'. **Tributo à cidadania: minha opção de servir à sociedade**. Aracaju: J. Andrade, 2006.

REIS, Carla D. S. dos. **O papel da imprensa aracajuana durante o Governo Militar: análise da Gazeta de Sergipe**. *Cadernos do Tempo Presente*, V. 6, p. 01-09, 2012.

\_\_\_\_\_. *Gazeta de Sergipe X Rádio Liberdade: censura e imprensa e disputas políticas (1964-1970)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFS, 2013.

REMÒND, René. *Por uma História Presente*. In: REMÒND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOARES, G. A. D. **O Golpe de 64**. In: SOARES, G. A. D., D'ARAUJO, M. C. (Org.). *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1994.

### **JORNAIS**

*Fôlha Popular* (SE) – 1963-1964 (disponibilizado pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe)

*Fôlha Trabalhista* (SE) – 1963-1964 (disponibilizado pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe)

*Fôlha de Lagarto* (SE) – 20 de outubro de 1963 (disponibilizado pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe)

*A defesa* (SE) - 02 de setembro de 1963 (disponibilizado pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe).

*Gazeta de Sergipe* (SE) – 22 de setembro de 1963 (disponibilizado pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe).